

Trinta e uma famílias fincam pé e dizem que só saem da cabeceira do Córrego Palmas para uma terra definitiva

DAQUI NÃO SAIO

Paulo de Araújo

Ana Helena Paixão
Da equipe do **Correio**

Sem água, sem luz, sem comida, sem terra. É essa a situação de 31 famílias que estão acampadas na cabeceira do Córrego Palmas, próximo a Brazlândia. Elas esperam que o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama), o Instituto de Colonização e Reforma Agrária (Incra) e o Governo do Distrito Federal (GDF) cheguem a um consenso e liberem uma área definitiva para a criação de um assentamento rural. As famílias se recusam a sair do lugar onde estão acampados há cinco dias. O Ibama deve notificar hoje o GDF a se manifestar a respeito da mudança.

“Só queremos um local definitivo, onde teremos um futuro: terra e área para plantar nosso alimento”, reivindica Nazaré Francisca, 55 anos, cinco filhos. O pedido é o mesmo em todo o acampamento. Enquanto esperam a decisão do governo, as famílias convivem com o frio, a fome e o medo de que algo lhes aconteça — estão numa área contínua ao Parque Nacional onde há constante perigo de incêndio e que é considerada região de “desova” de cadáveres.

O acampamento do Córrego Palmas está sob a coordenação do Movimento dos Sem-Terra (MST) e esta é a segunda vez que os trabalhadores mudam de lugar. Até a semana passada eles estavam nas proximidades das fazendas Rodeador e Dois Irmãos, também próxi-



Nazaré Francisca está acampada perto do Córrego Palmas com os cinco filhos, passa fome e frio e diz que quer ir para um lugar que lhe dê futuro e área para plantar, um pedido de todo o acampamento.

mas a Brazlândia. Na madrugada de quinta-feira, o Sistema Integrado de Vigilância do Solo (Siv-solo) começou a transferência das famílias para o segundo acampamento.

“Queimaram nossas lonas, quebraram as poucas coisas que tínhamos e quase atropelaram uma criança quando um trator passou por cima de uma barraca sem olhar se tinha alguém dentro”, denuncia Teresa Gaspar, D. Terezinha, uma das sem-terra. Segundo os trabalhadores, a mudança acabou na sexta-

feira. “Teve gente que chegou aqui sem nada”, completa Terezinha. Ao todo, foram transferidas 71 famílias.

ÁREA DE PRESERVAÇÃO

Na sexta-feira, fiscais do Ibama informaram aos acampados que eles não podiam permanecer no local. Segundo os fiscais, as famílias podem poluir o Parque Nacional, uma área de preservação ambiental. “Além disso, aqui não há a mínima condição de sobrevivência humana. Há animais peçonhentos e risco de incêndio, além

de ser uma área bastante perigosa”, afirma Roberval Costa Pontes, chefe da Fiscalização do Ibama.

Incra e Ibama iniciaram uma ação conjunta, no mesmo dia, e transferiram 40 famílias de trabalhadores para Flores do Goiás, local escolhido para o acampamento definitivo. Ontem, as outras 31 famílias também seriam transferidas, mas os trabalhadores remanescentes se recusam. “Muitas pessoas estão doentes e têm crianças. No Rodeador, estamos perto de escolas e hospitais.

Aqui não temos nada, nem teremos em Flores. Só vamos sair para um local definitivo”, assegura dona Anita, coordenadora do acampamento.

Ailson Silveira Machado, superintendente adjunto do Incra DF e Entorno, esclarece que não houve problema algum com os sem-terras transferidos para Flores de Goiás. Segundo ele, os trabalhadores permanecem num acampamento provisório, mas a demarcação do assentamento definitivo começa na próxima semana.

No entanto, Ailson admite que a situação no Córrego Palmas é delicada. Segundo ele, o GDF garantiu aos trabalhadores a transferência para uma área dentro do Distrito Federal. “Apesar da promessa, o Incra não dispõe de nenhuma área dentro do DF para assentar essas pessoas. Os superintendentes do Incra, do Ibama e o secretário da Agricultura do Distrito Federal já marcaram um encontro para resolver o problema. Até lá, os sem-terra permanecem onde estão”, finalizou.